

SÍTIOS HISTÓRICOS JESUÍTICOS-GUARANIS: USO DA PAISAGEM E O TRABALHO DE GUIAS DE TURISMO

JESUIT-GUARANI HISTORICAL SITES: USE OF THE LANDSCAPE AND THE WORK OF TOUR GUIDES

Yuri Potrich Zanatta

Arquiteto e Urbanista (UFFS), mestre em Geografia (PPGGeo/UFFS), doutorando em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFES).

E-mail: yuripotrichzanatta@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3296-8019>

Vinícios Nalin

Arquiteto e Urbanista (Unochapecó), mestre em Geografia (PPGGeo/UFFS), doutorando em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ/UFSC).

E-mail: vininalin45@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0991-1834>

RESUMO

Este trabalho discute o descompasso entre a descoberta espontânea da paisagem, resultante da percepção espacial, e a mediação realizada por guias de turismo em sítios históricos das missões jesuítico-guaranis. A partir da reflexão sobre o papel da paisagem na vivência cotidiana, problematiza-se a carência dessa dimensão nas práticas turísticas de dois sítios arqueológicos: São Miguel Arcanjo, no Brasil, e *San Ignacio Miní*, na Argentina. As reflexões emergem de observações de campo nesses locais e da constatação de que os percursos de visitação propostos pelos guias não consideram certos preceitos paisagísticos intrínsecos à organização espacial das antigas aldeias. A metodologia empregada baseia-se na avaliação topoceptiva do lugar,

que enfatiza a percepção dos efeitos visuais produzidos pela morfologia do espaço. Conclui-se que, nas visitas guiadas, a paisagem e a apreciação estética ocupam um papel secundário, o que reduz o potencial de contemplação e emoção que o patrimônio poderia suscitar nos visitantes dos sítios arqueológicos.

Palavras-chave: Percepção do espaço; patrimônio histórico; Geografia.

ABSTRACT

This paper discusses the disconnect between the spontaneous discovery of the landscape, resulting from spatial perception, and the mediation performed by tour guides at historic Jesuit-Guarani mission sites. Based on a reflection on the role of landscape in daily life, the paper problematizes the absence of this dimension in the tourism practices of two archaeological sites: São Miguel Arcanjo, in Brazil, and San Ignacio Miní, in Argentina. The reflections emerge from field observations at these sites and from the observation that the tour routes proposed by the guides fail to consider certain landscape precepts intrinsic to the spatial organization of the ancient villages. The methodology employed is based on the topoceptive evaluation of the place, which emphasizes the perception of the visual effects produced by the morphology of the space. It concludes that, in guided tours, the landscape and aesthetic appreciation occupy a secondary role, which reduces the potential for contemplation and emotion that heritage could evoke in visitors to archaeological sites.

Keywords: Perception of space; historical heritage; Geography.

INTRODUÇÃO

Esse artigo reflete sobre algumas percepções obtidas em trabalho de campo em dois sítios históricos das missões jesuítico-guaranis da Companhia do Paraguai: o sítio de São Miguel Arcanjo, no Brasil, e *San Ignacio Miní*, na Argentina.¹ As percepções discutidas referem-se especificamente ao

¹ Os trabalhos de campo foram realizados no âmbito de uma pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (Zanatta, 2022). A pesquisa ainda abarcou o sítio histórico de *Santísima Trinidad del Paraná*, no Paraguai, mas, como nesse terceiro sítio não houve acompanhamento de guia de turismo, este não atende ao escopo desse trabalho.

descompasso entre a atuação dos guias de turismo² e a apreensão paisagística espontânea, direcionada pelas intenções projetuais das intervenções nesses patrimônios históricos. A partir disso, discute-se o papel da paisagem na atuação territorial desses sítios arqueológicos nos dias atuais.

A motivação desse trabalho é a lembrança de algumas impressões recolhidas durante a visita nos sítios, principalmente no que se refere ao trajeto proposto pelos guias de turismo. Pela percepção morfológica do lugar, as intervenções nos sítios arqueológicos nos conduzem a percorrer determinados trajetos que diferem daqueles orientados pelos guias que nos acompanharam durante nossas visitas. Decidimos explorar essas situações para tecer algumas considerações acerca dessa prática espacial, apontando para o papel da dimensão paisagística na experiência e leitura do espaço.

Para analisar os percursos, utilizamos metodologia de interpretação de efeitos morfológicos dos visuais da entrada do percurso nos dois sítios históricos, inspirados na metodologia Kohlsdorf de avaliação topoceptiva do lugar (Kohlsdorf; Kohlsdorf, 2005). Destacamos que trata de uma inspiração na metodologia Kohlsdorf e não a aplicação exata desse instrumento de análise, que leva em considerações outras nuances que não se enquadram totalmente no escopo dessa discussão. Além disso, as impressões de campo, atreladas aos *backgrounds* acadêmicos dos autores, também compuseram as reflexões aqui expostas.

PAISAGEM, MISSÕES E GUIAS DE TURISMO

A paisagem possui o poder de emocionar, deslumbrar com a visada de uma cena, mas também o poder de denunciar práticas sociais e conflitos

² Atentamos para a utilização do termo “guia de turismo” e não “guia turístico”. Carvalho (2016) nos explica que teóricos da área indicam que “guia turístico”, tecnicamente, se refere ao material físico, impresso, que possui informações, orientações e dicas de roteiros, enquanto “guia de turismo” é o indivíduo humano que exerce essa profissão.

simbólicos materializados no espaço. A experiência paisagística reside na relação entre sujeito e objeto, entre a subjetividade do observador e a materialidade daquilo que está sendo observado (Metailié; Bertrand, 2006). Para Claval (2014), a paisagem é semeada por símbolos que constituem indicadores sociais e apontam a dominação territorial dos grupos humanos. Em Cosgrove (2012), todas as paisagens apresentam significados simbólicos devido ao fato de serem produto da apropriação e transformação do ambiente pelos seres humanos:

Na paisagem, o bosque sagrado ou a fonte sagrada, o local da batalha que afundou ou salvou uma nação, são lugares de intenso significado cultural pelos quais os não iniciados passam. Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira autoconsciente e, então, representar essa paisagem em um nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos. Uma vantagem que temos ao tratar a paisagem dessa maneira é que muitos de seus significados estão “naturalmente” encontrados no sentido de que seu ponto de partida é algo comum à nossa experiência, na medida em que somos parte da natureza, por exemplo, quando associamos o prado na primavera com o aparecimento de vida nova, ou o pomar do outono como melancolia (Cosgrove, 2012, p. 226).

Em Macedo (1993), temos que a paisagem pode ser estudada como a expressão morfológica das ocupações e transformações dos espaços no tempo, considerando-a como um produto e um sistema.

[...] como produto porque é resultado de um processo social de ocupação e gestão de um território; e como um sistema, na medida que a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá uma reação correspondente, no caso equivalendo ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total. Estas duas posturas se interpenetram e são totalmente dependentes uma da outra, como também é um fato, que toda paisagem está ligada a uma ótica de percepção humana, a um ponto de vista social e que sempre representa total ou parcialmente um ambiente (Macedo, 1993, p. 11).

O pensamento de Macedo se aproxima da noção de paisagem marca-matriz, elaborada por Berque (2004, p. 84-85, grifos do autor): “A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas também é uma *matriz*, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço”. Assim, a paisagem se torna componente ativo das nossas percepções e da maneira como enxergamos o mundo à nossa volta.

A paisagem, portanto, é uma dimensão da existência humana. Mas a apreciação estética da paisagem não pode ser tomada apenas ao nosso bel prazer. Ela precisa vir acompanhada de uma dimensão política, isso é, um instrumento de valorização ambiental, cultural e social para as comunidades. Ao incluir na paisagem o elemento da valorização dos traços culturais, ambientais e sociais, ela se torna um fator patrimonial. Nesse sentido, Ribeiro (2007, p. 14) coloca que a paisagem pode ser tomada como “[...] um testemunho do trabalho do homem, da sua relação com a natureza, como um retrato da ação humana sobre o espaço”.

Nessa seara, estudar a paisagem é uma maneira promissora de começar o reconhecimento dos elementos distintivos dos habitantes de determinado local (isso é, sua cultura e sua identidade), pois o valor patrimonial da paisagem se situa na sua dimensão de “arquivo” de determinado território (Ruiz, 2017). Porém, na atuação das políticas públicas de hoje, parece que o olhar para a paisagem se encontra em declínio. A sociedade distancia-se cada vez mais da leitura do território a partir da paisagem, de seus deslumbramentos e do seu potencial educador, que denuncia práticas sociais e mantém viva a memória do passado, intensificando nossa experiência no mundo.

Pallasmaa (2018) defende que as relações entre sujeitos e o mundo vivenciado surgem em meio à interação corporificada entre razão e emoção, percorrendo o conhecimento e a intuição. Para o autor, “o núcleo poético,

experencial e existencial da arquitetura tem de ser enfrentado, vivido e sentido” (2018, p. 103). Torna-se assim, imprescindível a conexão entre a percepção e a imaginação, para que a experiência seja vivenciada e relacione-se de modo sensível em suas instâncias.

As percepções dos sentidos interagem com a memória e a imaginação para constituir uma experiência total integrada com distintas conexões e significados. [...] a habilidade mais árdua e valiosa é intuir ou simular a experiência da entidade não-existente em termos físicos. Mais uma vez, intuir a experiência de uma única forma ou objeto é relativamente simples, enquanto imaginar a atmosfera ou a sensação total de uma entidade espacial ampla e complexa exige extraordinária capacidade de imaginação. A experiência de imaginar e intuir também requer a capacidade de sentir empatia (Pallasmaa, 2018, p. 114).

Para Serrão (2013), a experiência estética detém lugar privilegiado no conjunto das dimensões humanas. Dessa maneira, a esteticidade da paisagem atua como um chamariz para as pessoas. Assunto (2013) afirma que a paisagem é o ajuizamento estético do espaço, isso é, o momento em que os seres humanos apreciam esteticamente determinado ambiente. Para o autor, o advento econômico confunde paisagem e espaço,³ ocasionando uma crise social que faz os indivíduos se distanciarem da noção de paisagem, não tendo a experiência paisagística como componente de sua vivência cotidiana.

³ Em Assunto (2013), paisagem e espaço não são conceitos justapostos, pois a paisagem é abordada através de uma articulação espaço-temporal que abarca passado, presente e futuro. O autor então identifica modalidades de espaço que se apresentam como paisagem: toda paisagem é espaço, isso é, não ocupa um espaço, mas é, em si, um espaço. Porém, ambos os conceitos não estão submetidos a uma ordem de identidade recíproca, pois o conceito de espaço inclui a paisagem, mas não é totalmente coberto por ela. O espaço é matéria de constituição da paisagem, mas nem todo espaço é paisagem, pois a paisagem inclui notas que vão além das dinâmicas espaciais - a paisagem é o espaço experimentado como objeto de ajuizamento estético. A base da crítica de Assunto é que entender a paisagem estritamente como espaço gera problemas no contexto da destruição do ambiente natural pela expansão da rede urbana, uma transformação desenfreada do ambiente que não respeita suas particularidades, os laços afetivos das populações e a sua morfologia de modo geral.

A apreciação estética não pode ser algo descompromissado: precisa estar atrelada à percepção de nuances da nossa atuação que vão de encontro com a vida humana, as condições de existência e sobrevivência. Nesse sentido, debatemos que a experiência estética pode ser uma dimensão de valorização social e patrimonial: a beleza de determinada paisagem como elemento propulsor da valorização daquele espaço, da dinâmica social ali expressa e, conseqüentemente, a luta para mantê-la e preservá-la, pois: “[...] em função desse debate estético, podemos ajuizar esteticamente nossas relações, isso é, como cada indivíduo valoriza as dimensões do seu existir: os lugares, os territórios, os ambientes, as paisagens, as regiões, a natureza” (Zanatta, 2022, p. 45).

As missões (ou reduções) jesuítico-guaranis são um conjunto de 30 aldeias criadas entre os séculos XVI e XVIII por padres jesuítas para conversão dos povos nativos à religião cristã, sobretudo da etnia guarani, na região das margens da bacia do rio da Prata, reconhecidamente um patrimônio cultural da região. A estratégia de criação de assentamentos próprios está relacionada a alguns fatores, dos quais se destacam: proteção contra as investidas bandeirantes e de colonos espanhóis, que buscavam essas populações para exploração do trabalho; intensificar a disseminação da fé cristã a partir do controle das práticas cotidianas, podendo assim barrar costumes que iam de encontro aos dogmas defendidos pelos padres, como a poligamia e o consumo de bebidas alcoólicas (Cordeiro, 2016).

Dessa maneira, Gutierrez (1987) afirma que se tratava de uma proposta integral, porque incluía o controle das formas de organização social, a divisão do trabalho, o controle dos meios de produção, a planificação do uso do solo, a escolha da localização das aldeias e a própria estrutura dos assentamentos, com traçado europeizado. Hoje, muitas das aldeias desse conjunto não possuem mais vestígios materiais, seja pelos processos de saque e destruição a qual passaram, seja pela própria tectônica das construções (os

assentamentos “menores” contavam com edificações feitas de barro que, pela falta de uso e manutenção, não resistiram à ação do tempo). Porém, ainda existem vestígios materiais de 18 assentamentos e, desses, 7 estão inscritos na Lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (Soster, 2014), dado seu esplendor artístico e sua importância como fonte documental e arqueológica.

Essas reduções eram organizadas de maneira a criar dois conjuntos em torno de uma grande praça central: o primeiro contava com edificações administrativas e configurava o limite de crescimento da cidade, como um grande pano de fundo para a praça onde a igreja, ao centro, possuía papel de destaque visual (Figura 1). À frente desse complexo era organizado o segundo conjunto, composto pelo sistema de ruas e avenidas que estruturavam os pavilhões de residências das famílias indígenas (Custódio, 2002). Para Gutierrez (1987), essa organização fazia da igreja o elemento protagonista e estruturante da redução, configurando-se assim como um cenário para a vida cotidiana dos moradores. Além disso, a igreja contava com preceitos estilísticos barrocos, caracterizado pelo uso excessivo de ornamentos e representações, fazendo com que a evangelização ultrapassasse os momentos de culto e se estendesse para todas as atividades da aldeia.

Percebe-se que, nesse sistema organizacional, há um intuito de construção de um cenário, uma paisagem repleta de símbolos que regeriam a vida na aldeia. A própria avenida principal, mais larga, por onde os visitantes adentravam o assentamento, tinha a igreja como ponto de fuga da perspectiva visual, configurando uma grande teatralidade que explorava a emoção do seu vislumbre, cujas proporções se destacavam do restante das edificações. Inclusive, no caso do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, esse complexo situa-se em cota mais alta que a praça e o restante das edificações, proporcionando ainda mais destaque visual ao primeiro

conjunto. Também, a fachada do templo é propositalmente arqueada para frente, em um minucioso estudo de correção da ilusão óptica (Costa, 1941 *apud* Custódio, 2002) que faz com que a igreja pareça ter proporções ainda maiores, quando vista no eixo da avenida.

Figura 1 - Esquema de organização de uma redução jesuítico-guarani



Fonte: Zanatta (2022). Baseado em Custódio (2002).

A partir dessas particularidades, entendemos que há um forte princípio estético na organização do assentamento que condiciona a apreensão do espaço. Para Vitte (2010), a maneira como apreendemos os objetos é capaz de moldar a nossa própria concepção do mundo. Ou seja, as condições materiais e imateriais envolvidas na relação com o espaço condicionam a percepção do mesmo, havendo, portanto, uma consciência e uma intencionalidade dos sujeitos quando concebem determinado objeto:

[...] a experiência estética é o ato de sensibilizar e de interferir na produção da representação, da consciência e da liberdade, em que o conceito de belo atua como mecanismo motriz na construção de um julgamento sobre o mundo. Há, assim, um despertar, uma sensibilização do sujeito, da razão, que tem em sua constituição não apenas regras formais e lógicas, mas elementos subjetivos-objetivos, que se conectam a diferentes outros elementos como a intuição, por exemplo, que de maneira diferenciada constituem a totalidade do sujeito, portador de uma moral e de uma postura sobre o mundo. Há uma razão histórica, social e cultural de se construir a mundanidade do mundo (Vitte, 2010, p. 14).

Nesse sentido, Lynch (1960) afirma que perceber um ambiente abarca a atividade de construir uma imagem mental, alicerçada na experiência do observador através dos estímulos que chegam aos órgãos perceptivos. Já para Castro (2021, p. 44), a observação é “[...] o processo do qual a paisagem se corporiza e ganha vida, adquire funções, valores, qualidades, sentidos.” Ainda para a autora, observar é um processo complexo que requer ‘atenção, querer, vontade’ e responde a um propósito, resultando em uma relação entre observador e observado. Essa relação transforma a interpretação da paisagem, onde a intenção do objeto observado encontra a diversidade do olhar do observador, com seus diferentes *backgrounds* (acadêmico, cultural, social).

Prestar atenção a essas perspectivas pode potencializar a experiência estética com o lugar e, conseqüentemente, atribuir maior valor à visita e, assim, maior apreço ao patrimônio observado e à atividade turística em si. Por isso, apreender uma paisagem da maneira ‘correta’, isso é, entendendo os seus princípios compositivos e estratégias de criação daquela paisagem, faz parte da experiência do lugar. A questão é que, como mencionamos anteriormente, parece que essa dimensão da vida humana (a paisagem) está cada vez mais distante da nossa vivência cotidiana no espaço.

No âmbito das discussões sobre turismo, Quinteiro e Baleiro (2017) consideram não haver um entendimento conceitual uno sobre o termo, pois esse é o resultado do cruzamento de estudos em diversas áreas do

conhecimento, como economia, gestão, geografia, antropologia, sociologia, psicologia, direito, planejamento, marketing, entre outros⁴. As autoras articulam que o turismo atualmente designa:

- (i) um fenómeno humano que pressupõe deslocação voluntária e temporária de pessoas para locais diferentes dos seus locais habituais de residência, motivada pelo desejo de práticas de lazer;
- (ii) um sistema complexo de relações entre pessoas (as que visitam e as que são visitadas);
- (iii) uma movimentação entre pontos geográficos instigada pela curiosidade ou pela necessidade de viajar para fora dos locais habituais de residência;
- (iv) uma atividade económica ou uma indústria com um enorme impacto na vida de muitas cidades, regiões e países e que emprega cerca de 100 milhões de pessoas em todo o mundo (Quinteiro; Baleiro, 2017, p. 14).

Cisne (2011) fundamenta, a partir de diversos autores, que, para além do espaço e tempo, cabe ao campo do turismo a discussão sobre fluxos. Dessa forma, turismo é um fenómeno e não um produto, portanto, o roteiro precisa ser pensado de forma processual. O roteiro, para a autora, é uma ferramenta de leitura da localidade visitada e considera não apenas os atrativos, mas as relações interpessoais ali desenvolvidas. Assim, o roteiro turístico precisa ser compreendido de modo a acompanhar as “demandas dos sujeitos cujas sensibilidades navegam no século XXI” (Cisne, 2011, p. 360) e, nesse sentido, ele é autônomo, pois é preciso deixar-se ir com o fluxo, pela percepção do sujeito que o materializa quando em movimento.

Os guias de turismo possuem papel fundamental na visitação de objetos patrimoniais, sobretudo para o público em geral, que normalmente visita os locais sem tanto conhecimento prévio sobre a história e os significados daquilo que estão a ver. A Lei 8.623 estabelece que cabe ao guia de turismo “acompanhar, orientar e transmitir informações a pessoas ou grupos, em

⁴ No âmbito de um turismo em sítios arqueológicos de cidades/ocupações históricas, é também uma discussão da arquitetura e urbanismo.

visitas, excursões urbanas municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas" (Brasil, 1993 *apud* Pazini; Braga; Gândara, 2017, p. 166). Os autores também destacam que, por serem responsáveis pelos produtos e serviços oferecidos aos turistas, os guias e empresas desempenham papel essencial na experiência turística, tendo o poder de transformar informações, proporcionar lazer e enriquecimento cultural.

Nesse sentido, Zetterman e Paim (2020) afirmam que o guia de turismo pode ser considerado um dos principais responsáveis pela imagem que o turista terá do lugar visitado, pois existem evidências de que as informações prestadas aos turistas podem influenciar o modo como eles pensam e se comportam nos lugares que visitam. Assim, os guias são também responsáveis pela disseminação e construção de valores (naturais e culturais) que os turistas levarão adiante, tendo um grande papel educador. Em vista disso:

[...] o guia, como educador patrimonial, deve estar preparado para desenvolver diversas estratégias de ensino/aprendizagem orientando os turistas para que deixem de ver o patrimônio local apenas como objeto de contemplação, mas também como fonte de conhecimento; para tal, deverá motivá-los para ter respeito pelos diferentes elementos culturais do destino visitado, reconhecendo a importância deste patrimônio para a comunidade local e sentirem-se também responsáveis pelo mesmo (Zetterman; Paim, 2020, p. 5).

Entretanto, o modo como o guia de turismo traduz as informações às pessoas depende das fontes que consulta e da formação que teve sobre os objetos ou lugares a que são responsáveis. Nesse sentido, entende-se que a carência de uma visão paisagística na sociedade ocidental influencia a maneira como os guias de turismo repassam seu conhecimento para os visitantes e, conseqüentemente, como esses visitantes apreendem o espaço contemplado. Na sequência, demonstra-se como a experiência espontânea da paisagem (dada pela legibilidade morfológica do espaço, que direciona o transeunte subjetivamente) encontra-se em descompasso com a atuação

espacial mediada pelos guias de turismo, indicando o descompasso com uma visão paisagística na prática turística desses sítios arqueológicos.

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

Nessa seção, discutiremos o problematiza-se o desalinhamento entre o trajeto proposto pelos guias de turismo e o que chamamos de descoberta “espontânea” da paisagem, dada pela percepção dos efeitos morfológicos resultantes das intervenções nos sítios históricos, que direcionam o caminhar do visitante. A partir disso, reflete-se sobre a carência de paisagem nas práticas de visitação nesses sítios históricos e como a mediação dos guias influencia a percepção espacial dos visitantes.

São Miguel Arcanjo – Brasil

O sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo está localizado na cidade de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil, e data da década de 1680. O grande destaque desse sítio são as ruínas da catedral e do campanário, que leva em conta preceitos estilísticos barrocos (Gutierrez, 1984). Além desses, possui poucos remanescentes do complexo administrativo (primeiro conjunto), caracterizado por meias paredes de pedra e alguns resquícios de pisos.

Quanto ao segundo conjunto (pavilhões de residências), há algumas demarcações com pedras, mas não se pode ter compreensão exata da organização do sítio. Além desses remanescentes do primeiro conjunto, outro elemento que se destaca é o Museu das Missões, que configura também uma edificação que possui caráter de portal para o vislumbre das ruínas (Figura 2).

Figura 2 - Sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo - Brasil



Fonte: organizado pelos autores (2023)⁵

A criação do Museu das Missões, construído em 1940, data da própria criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão antecessor do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Um dos primeiros trabalhos do SPHAN, presidido pelo arquiteto Lucio Costa, foi o estudo para recuperação e preservação dos sítios históricos das missões jesuítico-guaranis. Segundo Fracalossi (2011), a quantidade de obras encontradas fez com que Lucio Costa propusesse um museu para reunir os objetos e os expor no próprio local, sendo construído com materiais das próprias ruínas, com forma semelhante a um alpendre missioneiro.

O Museu das Missões e a arquibancada do Show de Som e Luz, que acontece todas as noites no sítio, estão implantados de forma a demarcar os limites da praça central, onde situava-se a avenida principal de acesso ao

⁵ Imagem de 23 out. 2021, acesso em 20 jan. 2022, c2021 CNES / Airbus, via app *Google Earth Pro*.

sítio (relato da guia de turismo que nos acompanhou na visitação). Portanto, a visada da igreja a partir do alpendre do museu é a visada pensada para quem adentrava a aldeia pela sua avenida, isso é, tendo a igreja como ponto focal da perspectiva, no local ótimo para promover maior impacto visual.

Antes da visitação, alguns desses aspectos sobre a composição do sítio histórico foram estudados, ou seja, já havia conhecimento prévio sobre sua organização. Quando se adentrou o espaço do sítio, a guia de turismo encaminhou para a direita, antes de passar pelo museu, a fim de entrar na praça por sua aresta lateral (Figura 3).

Figura 3 - Trajetos no sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo



Fonte: Organizado pelos autores (2023).

Essa trilha proposta pela guia de turismo contrasta com os efeitos visuais apreendidos no espaço do sítio arqueológico, além das intenções da própria organização espacial da redução. Assim, o esplendor do cenário intencionalmente construído, com o templo e o complexo administrativo como ponto focal da perspectiva da avenida, é enfraquecido por uma simples mudança no caminhar do visitante, desvalorizando-o

paisagisticamente. Pallasmaa (2018, p. 104) discute que “A dimensão poética da arquitetura é uma qualidade mental, e a essência artística e mental da arquitetura emerge na experiência individual da obra”, ou seja, a experiência com o espaço não é algo dado, depende, sobretudo, da maneira como o indivíduo a constrói. Dessa forma, percebe-se que o impacto paisagístico não é protagonista dessa experiência espacial (Figura 4).

Figura 4 - Primeira visada do primeiro conjunto em ambos os trajetos



Fonte: Os autores (2023).

No caso do trajeto dos guias, que não prioriza o vislumbre da igreja através do ponto focal de sua correção óptica, o templo parece menor. Além disso, o contraste com o céu é menos dramático. A simples mudança da

perspectiva ocasiona uma modificação da escala de apreensão dessa paisagem e, subjetivamente, diminui o potencial de assombro e dramaticidade que essa paisagem possui.

A justificativa desse trajeto por parte de ambas as guias foi que, didaticamente, era preferível primeiro explicar a dinâmica espacial das ruínas e depois ver o artesanato recolhido no museu das missões. Concordamos com essa premissa, mas isso não impede a entrada pelo museu e depois o retorno a ele, no fim da visita, para mostrar os artefatos missioneiros. Temos aqui um exemplo de como a apreensão estética da paisagem não configura um elemento primordial da experiência espacial nesse sítio arqueológico.

San Ignacio Miní – Argentina

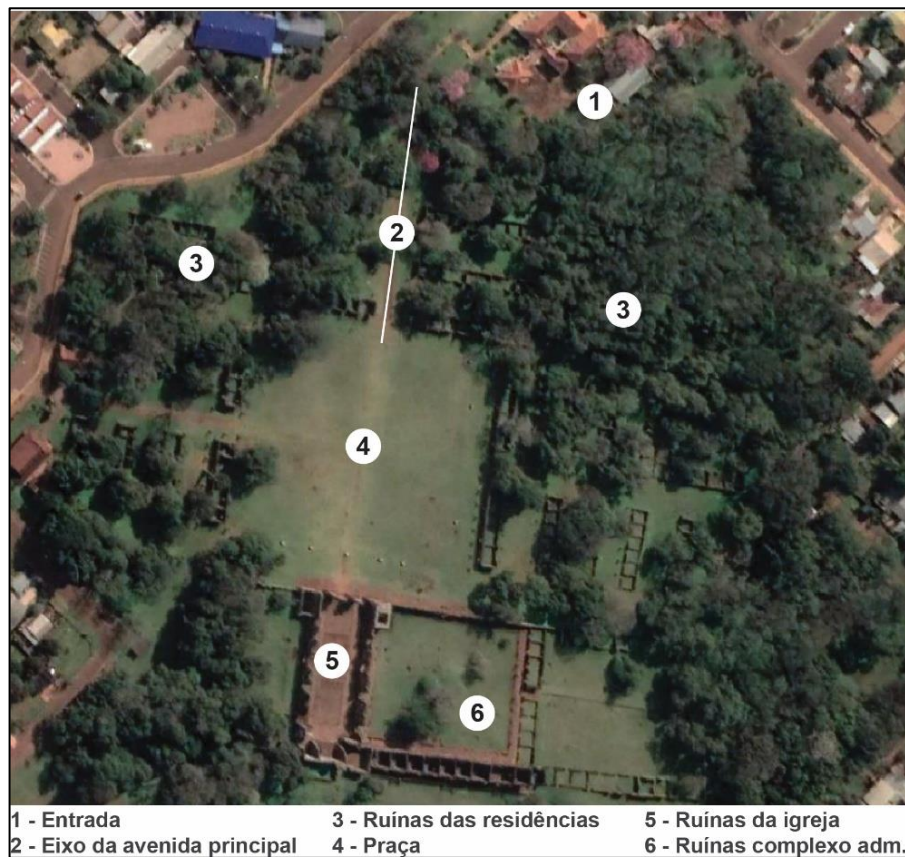
O sítio arqueológico de *San Ignacio Miní* está localizado no município de San Ignacio, província de *Misiones*, Argentina, e data de 1632. Nesse sítio, tem-se a possibilidade de uma apreciação mais completa da organização da aldeia, visto que ainda existem remanescentes de muitos pavilhões do que eram as residências das famílias guarani, que circundam a praça principal. Podem-se entender a organização das ruas, a dimensão das casas e a escala dessas em relação à praça e ao primeiro conjunto.

As ruínas da igreja também se destacam na praça, além de boa parte da fachada do restante das edificações do complexo administrativo. Outra particularidade desse sítio é que as ruínas foram tomadas pela mata que foi se formando ao longo dos anos de abandono, o que, em parte, é responsável pelo grau de preservação de seus elementos, evitando saques e destruição dos espaços. Além dos remanescentes arqueológicos, o sítio conta com uma estrutura de acesso com bilheteria, museu e edificação em estilo colonial, que abrigava o antigo museu (Figura 5).

Nesse sítio, pelo grau de preservação dos pavilhões de residências, não é preciso “imaginar” como era a visão das pessoas que adentravam a aldeia,

visto que a avenida principal é bem demarcada e ainda rodeada por remanescentes das casas. A fachada da igreja é vista de longe, antes mesmo de chegar às últimas casas que rodeiam a praça. Sente-se quase uma sensação de acanhamento enquanto se aproxima das últimas residências, dada a magnitude do vislumbre do templo no ponto de fuga da perspectiva da avenida.

Figura 5 - Sítio arqueológico de San Ignacio Miní - Argentina



Fonte: Os autores (2023)⁶

⁶ Imagem de 16 ago. 2021, acesso em 20 jan. 2022, c2021 Maxar Technologies, via app Google Earth Pro.

Figura 6 - Trajetos no sítio arqueológico de San Ignacio Miní - Argentina



Fonte: Os autores (2023).

Novamente, ao percorrer a avenida, a surpresa pela mudança no trajeto da visita, quando o guia se deslocou da avenida em direção às ruas laterais (Figura 6). O guia de turismo explicou aspectos da tectônica das residências e da organização espacial, informações relevantes para o entendimento histórico da redução. Porém, ao fim da explicação, não se retornou à avenida. Em vez disso, o grupo foi direcionado a adentrar a praça pela aresta lateral direita, modificando novamente a escala de apreensão do espaço (Figura 7).

Figura 7 - Primeira visada do primeiro conjunto em ambos os trajetos



Fonte: organizado pelos autores (2021).

Uma justificativa possível para tal comportamento poderia ser o sol que castigava os turistas naquela época do ano. Porém, para quem já havia percorrido dezenas de metros e caminharia mais dezenas até o fim do passeio, o deslumbre possibilitado ao adentrar a praça pelo seu ponto principal de acesso justificaria o esforço de enfrentar mais alguns instantes sob incidência solar. Além disso, a naturalidade do guia de turismo indica que esse trajeto é corriqueiro em sua atuação profissional, fazendo parte do seu roteiro didático pelo sítio arqueológico.

OS DESAFIOS DO ENTENDIMENTO PAISAGÍSTICO

Como abordado, há uma preocupação estética na organização espacial das reduções jesuítico-guaranis, onde a fachada da igreja e do complexo administrativo, com seus adornos e sua escala, configuravam um cenário para a vida cotidiana da aldeia. Há também um princípio pedagógico de educação pela imagem e pelo cotidiano, visto que a igreja figurava como ponto referencial para toda a aldeia, destacando-se em altura e sendo visível por todo o complexo. Assim, a religiosidade se tornava elemento hierárquico, com sua imagem presente em todas as atividades realizadas no local.

Existe também um princípio de entendimento dessas premissas na configuração espacial das intervenções realizadas nesses dois sítios históricos: a implantação estratégica do museu das missões e do caminho de acesso, no caso de São Miguel Arcanjo (Brasil); e a avenida bem demarcada, no eixo de acesso ao sítio arqueológico, no caso de *San Ignacio Miní* (Argentina). Porém, o trajeto de visitação proposto pelos guias de turismo que atuam nesses locais não tem na paisagem o protagonismo da experiência espacial, onde aspectos históricos-artísticos se sobressaem   dimensão paisagística. Portanto, a experiência estética proporcionada pela apreensão da paisagem

não é o elemento central da atuação espacial hoje corrente nesses sítios arqueológicos.

Essas apreensões envolvem, além da experiência material, a imaginação e abstração em relação ao objeto e à maneira como ele é percebido pelo observador. Deste modo, a noção material e emotiva experienciada no trajeto realizado “incorretamente” reduz o impacto e a essência planejada para determinada paisagem, como se a obra de arte fosse observada do avesso ou mesmo uma fotografia fosse uma captura de tela em um vídeo aleatório. As “cenas” paisagísticas também abarcam noções que envolvem a emoção e a sensibilidade visual, tátil e fotográfica, contemplando o conjunto pretendido pela obra.

Temos aqui apenas um exemplo, entre tantos outros, da carência de apreciação paisagística nas práticas cotidianas. O deleite paisagístico tem o potencial de conectar e sensibilizar com o que se vê ou o lugar que se está e, conseqüentemente, com as relações sociais que ali ocorrem. Inserir a dimensão paisagística na leitura e interpretação espacial toca o entendimento da relação enquanto seres humanos, que possuem diferentes culturas, histórias, valores, mas que atuam em um mesmo espaço e criam distintas relações simbólicas com o território.

Nessa discussão, propõe-se que os trajetos realizados nos sítios arqueológicos sejam pensados para além de sua lógica histórico-geográfica, mas também levando em consideração preceitos estéticos que contribuam à apreciação paisagística. Dessa maneira, as pessoas que visitam seus lugares possuem um artifício a mais para se conectar com o patrimônio e, conseqüentemente, olhá-lo de forma mais sensível, valorizando os agentes e os processos sócio-histórico-materiais que geraram aquelas ruínas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho foi discutir um aspecto, entre tantos outros, dos desafios e possibilidades de entendimento paisagístico nos sítios históricos das missões jesuítico-guaranis. A falta dessa dimensão não está apenas na atuação dos guias de turismo que acompanham as visitas, mas podem ser percebidas em diversos outros aspectos, desenvolvidos em outros trabalhos (Zanatta, 2022; Fonseca; Zanatta; Souza, 2023).

Ressalta-se que o intuito não é criticar a atuação dos guias em questão, que claramente exercem um importante papel nas dinâmicas de visita dos sítios, inclusive trazendo informações que não constavam nas fontes bibliográficas estudadas, como indicamos ao longo do texto. Mas refletir sobre o papel secundário que a paisagem e a apreciação paisagística possuem na prática turística nesses sítios históricos, sobretudo na carência de promoção de uma experiência estética com o patrimônio.

Nesse sentido, atentar para o papel da paisagem enquanto componente da experiência espacial pode ser promissor para pensar a própria intensidade da vivência no mundo. Entender o mundo como paisagem perpassa a compreensão de aspectos históricos e culturais de determinado espaço, e, a partir disso, do papel social de valorização e reconhecimento desses laços e das pessoas envolvidas em determinada dinâmica espacial. É reconhecer o lugar do outro e sua importância como componente do conjunto humano no mundo para, assim, valorizar e lutar pela preservação desses lugares que são expressão da cultura de outros grupos sociais, muitos dos quais vêm sendo desassistidos pelas políticas públicas de valorização cultural e social. Cabe aos agentes que atuam nesses locais de relevância histórica zelar pela cativação de quem visita e a paisagem pode ser mais um bom recurso para isso.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) pela concessão de bolsa de estudos em nível de mestrado e à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) pela bolsa de doutorado ao primeiro autor. Também, ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU) pela bolsa de mestrado e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado ao segundo autor.

REFERÊNCIAS

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84–91.

CARVALHO, A. B. **Teorias, técnicas e tecnologias para formação e atuação profissional do guia de turismo**. Aracaju: IFS, 2016.

CASTRO, F. V. “Encham os olhos de paisagem!” - ensinando a observar em geografia. Uma proposta taxonômica. **Geografia: Publicações Avulsas**, Teresina, v. 3, n. 1, p. 40–57, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/geografia/article/view/11250>. Acesso em: 6 out. 2021.

CISNE, R. Por um pensar complexo do turismo: o roteiro turístico sob a lógica dos fluxos. **Rosa dos Ventos – Turismo e hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 3, n. 3, p. 359-367, jul./dez. 2011.

CORDEIRO, T. **A grande aventura dos jesuítas no Brasil**. São Paulo: Planeta, 2016.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2012. p. 219–238.

CUSTÓDIO, L. A. B. **A Redução de São Miguel Arcanjo: contribuição ao estudo da tipologia urbana missioneira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FRACALOSSI, I. Clássicos da arquitetura: Museu das Missões/Lucio Costa. **ArchDaily Brasil**, [S.l.], dez. 2011. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-16239/classicos-da-arquitetura-museu-das-missoes-lucio-costa>. Acesso em: 6 jul. 2023.

FONSECA, R. A. S.; ZANATTA, Y. P.; SOUZA, R. J. A paisagem da fronteira na produção da socionatureza: um estudo sobre as missões jesuítico-guaranis (BR-AR-PY). **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 27, n. 1, p. 604-619, 2023.

GUTIERREZ, R. **A Missões Jesuíticas dos Guarani**. Rio de Janeiro: UNESCO, 1987.

KOHLSDORF, M. E.; KOHLSDORF, G. **Dimensões morfológicas dos lugares**. Dimensão topoceptiva. Brasília, 2005.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MACEDO, S. S. **Paisagem, urbanização e litoral - do éden à cidade**. 1993. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

METAILIÉ, J.; BERTRAND, G. **Les mots de l'environnement**. Toulouse: Press Universitaires du Mirail, 2006.

PALLASMAA, J. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

PAZINI, R.; BRAGA, D. B.; GÂNDARA, J. M. G. A importância do guia de turismo na experiência turística: da teoria à prática das agências de receptivo de Curitiba-PR. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 162-182, 2017. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1269/532>. Acesso em: 29 maio 2023.

QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. **Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

RUIZ, A. L. Patrimonio y paisaje. In: HERNÁNDEZ, M. E. C.; SANCHO, A. T. (org.). **Educación y Patrimonio Cultural: fundamentos, contextos y estrategias didácticas**. Madrid: Piramide, 2017. p. 119-134.

SOSTER, S. S. **Missões Jesuíticas como Sistema**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e

Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014.

VITTE, A. C. Da sensibilidade à representação da paisagem: considerações sobre a estética da natureza como um recurso para a sensibilização ambiental. **RA'EGA**, Curitiba, v. 1, n. 20, p. 7–17, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20601/13736>. Acesso em: 3 abr. 2021.

ZANATTA, Y. P. **Paisagem, patrimônio e políticas públicas**: as missões jesuítico-guaranis como elo raiano na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. 2022. Dissertação (mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, Erechim, RS, Brasil, 2022.

ZETTERMAN, G. D.; PAIM, E. A. Guias de turismo: educadores na cidade de Florianópolis. **Boletim CDAPH**, Bragança Paulista, v. 4, nov. 2020. Disponível em: <https://boletimcdaph.usf.edu.br/rc/article/view/37/25>. Acesso em: 29 maio 2023.